

## **Uma compreensão sobre o universo prisional a partir da análise do discurso dos sujeitos privados de liberdade<sup>1</sup>**

Marília Marques Nunes, (Universidade Federal São Paulo,  
Campus Baixada Santista).

Marilyn Satiko Konishi, (Universidade Federal São Paulo,  
Campus Baixada Santista).

Lílian Rúbia da Costa Rocha, (Universidade Federal São Paulo,  
Campus Baixada Santista).

Thalita Vianna Miranda, (Universidade Federal São Paulo,  
Campus Baixada Santista)

Raiane Patrícia Severino Assumpção, (docente da Universidade  
Federal São Paulo, Campus Baixada Santista).

“Eu desejo ser compreendido pelo povo desta  
nação. Não me deixe aqui perdido, enjaulado!  
Nesta prisão”.

Jorge Rosa Silva

Penitenciária Desembargador Adriano Marrey /  
SP

O presente artigo foi elaborado a partir de um estudo realizado no contexto da extensão universitária do PET (Programa de Educação Tutorial) de “Educação Popular: Criando e Recriando a Realidade Social” da UNIFESP/ BS<sup>2</sup>, que buscou sistematizar a

<sup>1</sup> II ENADIR – Encontro Nacional da Antropologia do Direito. GT 07 - Antropologia, alteridade, autoridade e constituição de sujeitos. Uma compreensão sobre o universo prisional a partir da análise do discurso dos sujeitos privados de liberdade. Apresentadora do Trabalho: Marília Marque Nunes.

<sup>2</sup> O PET (Programa de Educação Tutorial) Educação Popular: Criando e Recriando a Realidade Social, da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista é um programa no qual docentes e discentes vivenciam, por meio da educação popular na perspectiva freiriana, processos de ensino, aprendizagem e construção do conhecimento com rigor teórico-metodológico comprometido com a realidade local. O

compreensão que os sujeitos em situação de privação de liberdade possuem sobre o universo prisional, a partir da análise dos seus discursos. A fonte para a pesquisa foram às 114 redações premiadas no concurso literário “Escrevendo a Liberdade”, realizado no ano de 2005, em âmbito nacional<sup>3</sup>.

Para análise das redações foi utilizada a metodologia do discurso do sujeito coletivo (DSC), que é uma forma de coleta, organização, tabulação e análise de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos através de depoimentos, ou por meio de artigos de jornal, matérias em revistas semanais, cartas, papers e revistas especializadas, entre outros. Essa metodologia permite a compreensão coletiva como uma variável empírica, de natureza qualitativa e quantitativa, pela interposição de um sujeito de discurso ao mesmo tempo individual e coletivo.

A partir da leitura e análise das redações foi possível uma aproximação ao universo prisional. A metodologia utilizada na análise das redações permitiu elencar aspectos importantes do discurso dos sujeitos privados de liberdade. Os dados levantados e a análise realizada apresentaram contribuições para gerar cenários de reflexão sobre a política pública de segurança e a justiça criminal no Brasil, bem como contribuíram com a problematização e a perspectiva de construção de propostas alternativas para a efetivação do sistema de garantia, promoção e defesa dos direitos humanos.

No processo de leitura das redações evidenciou-se como tema central a tristeza e o sofrimento gerados com a perda da liberdade. A liberdade é algo sonhado por todos. Porém, há várias maneiras de compreendê-la.

Nas redações estão presentes vários significados de liberdade, desde o direito de ir e vir até o direito político. No entanto, muitos identificam a liberdade dentro do cárcere através de pequenos atos: um dos autores cita que o vôo da coruja à noite no pátio do presídio é “um gesto de liberdade pulsante”. Outro identifica a liberdade no simples fato de sentir o vento em seu rosto. Para alguns seria possível vivenciá-la em momentos específicos, mesmo dentro da prisão, através do pensamento. Para outros a prisão acaba com qualquer possibilidade de vida. O presídio é descrito como um “mar de concreto”, “cadeias materiais de frios concretos”, refletindo a sensação de um lugar sem vida, sem perspectivas para quem se encontra aprisionado.

---

projeto é composto por três frentes articuladas. Dentre elas, a de educação prisional e gênero que analisou as redações do concurso literário Escrevendo a Liberdade.

<sup>3</sup> O concurso foi promovido pelo Governo Federal, através do Ministério da Justiça, por meio do Departamento Penitenciário Nacional (Depen) e Ministério da Educação.

Os sujeitos privados de liberdade projetam suas vidas para além do muro dos presídios, vivem o passado e o futuro, dessa forma anulam o presente. A maioria das redações deixa claro que as pessoas privadas de liberdade têm grande interesse em construir uma vida nova. Porém, isso só é possível fora da prisão, porque lá não se pode viver de fato. Muitos relatam que a prisão é um lugar de morte e não de vida: a solidão do ambiente retira qualquer possibilidade de ação humana. Nesse ambiente hostil, muitos buscam forças na família, na religião, na educação e até mesmo na imaginação de ser alguém reconhecido socialmente. A família é vista como o maior apoio, a relação com a mãe é evidenciada como um vínculo, em alguns casos o único que os motivam a continuar lutando pela liberdade. Em uma das redações um jovem se apega a uma aranha como sua única companhia. A solidão é tamanha que ele conversa e observa ela o dia todo. Muitos não têm o que fazer e passam a noite acordado, aguardando o dia amanhecer, com a esperança de se libertar algum dia de tamanho sofrimento. O ócio no sistema prisional é visto como uma tortura. Os autores reivindicam atividades e ocupação, não só preencher o tempo, mas como alternativa de crescimento e oportunidade no mundo externo. Por outro lado, alguns relatam que dentro do presídio tiveram pela primeira vez a oportunidade de concluírem os estudos, pois em liberdade tinham a necessidade de se dedicarem a outras coisas e não podiam priorizar a formação escolar. Alguns citam a educação como algo capaz de modificar a sociedade e acreditam que por meio dela se aproximarão da liberdade que tanto desejam.

Outro ponto que aparece em quase todas as redações é a auto-culpabilização por ter perdido a liberdade e ter se envolvido com o mundo do crime. O discurso dos autores analisados demonstra que apesar da realidade hostil em que se encontram, acreditam que diante de sua culpa merecem estar ali. Neste sentido, o sofrimento faz parte do processo de “regeneração”.

Muitos relatam terem entrado no crime em busca de autonomia financeira e desejo de sair da casa dos pais. Outros, apesar desse sentimento de culpa, relatam que sempre viveram de maneira difícil e que o mundo nunca ofereceu a eles grandes oportunidades. Alguns afirmam que nunca tiveram liberdade, saíam do presídio e iam viver em ambientes miseráveis onde a fome, a dor, a violência e a humilhação se faziam presentes. O crime muitas vezes era uma saída financeira, porém os aprisionava neste mundo permeado por vícios.

Os autores se expressam de várias formas - através de poemas, metáforas e letras de música; contando histórias e relatando experiências de dentro e fora do sistema

prisonal. Buscam uma forma de dizer ao leitor aquilo que guardam para si e que poucos se interessam, como por exemplo, seus sentimentos, seus sonhos e sua situação de privação da liberdade. Foi possível identificar que a maioria tinha grande desejo de se expressar e falar da situação em que vive. Dirigem-se diretamente ao leitor, pedindo para que sua mensagem vá além do papel, que seu relato seja lido e não esquecido.

Alguns demonstram compreender as desigualdades existentes em nossa sociedade e criticam a postura do sistema judiciário, que na maioria das vezes beneficia a classe dominante. Escrevem sobre a complexidade do mundo, a partir da análise de suas próprias realidades. Entendem que para acabar com as desigualdades presentes em nossa sociedade é preciso investir em educação. A maior parte dos sujeitos privados de liberdade acredita que alcançará a felicidade quando estiver fora do presídio junto aos seus familiares, tendo garantidos o acesso a educação e ao trabalho. É interessante perceber que em todos os discursos está presente a necessidade do trabalho como forma de se constituir enquanto participante da sociedade.

Os sujeitos privados de liberdade tendem a incorporar o discurso do senso comum, disseminado pelas instituições sociais e pelos principais meios de comunicação, que direcionam a responsabilidade pela criminalidade aos pobres, e assim, por consequência, a eles próprios. Isso se dá tanto no sentido da crença de que o sistema penal irá de fato “reeducá-los”, ou “regenerá-los”, como na incorporação da culpa pelo fato de terem sido presos (mesmo entre os que não acreditam na eficácia do sistema penal).

Essa relação entre cenários de desigualdade social e crescimento da população carcerária foi estudada por Wacquant (1999). Segundo o autor, que estudou a situação na Europa e nos Estados Unidos, o crescimento da população carcerária está associado ao desenvolvimento do Estado “liberal paternalista” – liberal porque se utiliza de mecanismos econômicos geradores de desigualdades sociais e paternalista porque realiza ações paliativa frente a precarização do trabalho e da proteção social.

No Brasil, segundo dados do Depen (2007), a população carcerária, em sua maioria, é composta por jovens, pobres e negros. É fundamental compreender que os problemas existentes no sistema carcerário, estão em alguma medida relacionados à sociedade desigual em que vivemos. O Brasil é o quarto país que mais prende no mundo, sendo que o Estado de São Paulo está em uma posição mais crítica, contém 40% da população prisional do país. Geralmente, esses presídios são superlotados e estão em péssimas condições estruturais. Esta situação é geradora de constante

violência, e demonstra a crise que o sistema prisional brasileiro vem passando. Diante disso, o que percebemos é o não cumprimento das leis previstas na Constituição Federal e/ou na Lei de Execução Penal e dos tratados de direitos humanos, que garantem a dignidade e a integralidade de qualquer ser humano, seja ele privado de sua liberdade ou não.

Assim, podemos afirmar que não é a pobreza que produz a criminalidade, porém ela é criminalizada e isso acaba por legitimar atitudes arbitrárias contra as classes subalternas. O fato de a imensa maioria dos encarcerados pertencer à classe desfavorecida da sociedade não é um mero acaso.

#### Referências Bibliográficas:

- Educação em Prisões na América Latina: Direito, Liberdade e Cidadania. Brasília, UNESCO, OEI, AECID, 2009.
- Lefevre F; Lefevre AMC. O Discurso do Sujeito Coletivo. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Desdobramentos. Caxias do Sul, Educs 2003
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir – História das violências nas prisões.*, Tradução de Raquel Ramallete, 13 ed. Petrópolis, Vozes, 1996.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*, São Paulo, Perspectiva, 1974.
- WACQUANT, Loic. *As Prisões da Miséria*. Tradução, André Telles. – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.